

EFEITO ESTUFA DO ARROTO BOVINO

Xico Graziano

Agrônomo, ex-Secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo.

O Estado de São Paulo: Caderno A pag. A2 - 26/10/2016.

E-Mail: <xicograziano@terra.com.br>

Mariana, minha filha adolescente, que desde criança me acompanha na lida da fazenda, chegou à casa intrigada e me perguntou: “*Pai, é verdade que o gado causa mais prejuízos ao meio ambiente que os automóveis?*” Claro que não, respondi. Confiando em mim, ela ponderou: “*Então precisa explicar melhor isso lá na internet*”.

Resolvi escrever.

Análises ingênuas e maldosas interpretações costumam prejudicar a nossa agropecuária, manchando-lhe a imagem. Na teoria do aquecimento global reside a mais bizarra de todas. Segundo o Inventário Nacional, o gado bovino responde por 15,4% dos gases de efeito estufa lançados na atmosfera, enquanto a queima de combustíveis fósseis gera 15,1%. O estranho cômputo, quando divulgado, em 2014 deliciou tanto os *ativistas vegetarianos* quanto as *montadoras*. **Philipp Scheimer**, presidente da Mercedes-Benz, sacou rápido: “*O automóvel tem sua parcela de participação no aquecimento global, mas não é o grande vilão*”. **São as vacas, complementou.**

Na origem dessa absurda distorção se encontra a metodologia de cálculo utilizada pelo **Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)**, entidade ligada à ONU que gerencia essa agenda global. **Gás carbônico** e **metano** destacam-se entre os gases com efeito estufa. O primeiro deles (**CO2**) tem elevado sua presença na atmosfera por causa da queima de derivados de petróleo e de florestas naturais; o segundo (**NH4**) surge **expelido por vulcões** ou da **decomposição anaeróbica de matéria orgânica**, como se dá naturalmente nos pântanos, mas também nas lavouras irrigadas de arroz e no estômago de animais ruminantes.

Duas premissas se estabeleceram no IPCC: 1) o metano expelido por pântanos e vulcões, que representa 40% do total, não

é considerado na equação do aquecimento planetário, por não ter origem “antrópica”; 2) ao metano é atribuído, por suas características moleculares, um “*poder de aquecimento*” de 21 vezes acima do CO₂.

Ambas podem ser contestadas. Excluir o metano “não antrópico” (vulcões e pântanos) no efeito estufa resulta em ampliar, por decorrência, a contribuição relativa do metano gerado na agropecuária. Um peso, duas medidas.

Mas o xis da questão é outro. O metano “entérico”, qual seja, aquele gerado no estômago dos mamíferos ruminantes, origina-se na fermentação das gramíneas pastadas pelo animal. Acontece que, para crescer, as plantas forrageiras realizam a fotossíntese, capturando gás carbônico da atmosfera e liberando oxigênio, conforme se aprende no ensino fundamental. Ou seja, o carbono expelido pelo gado foi, anteriormente, fixado pelas pastagens. A Embrapa tem estudado esse “*balanço de carbono*” e, em certos casos, verifica mais captura, na agropecuária, do que liberação dos gases de efeito estufa. O IPCC, porém, não aceita essa metodologia de cálculo. **Penaliza a pecuária.**

Existe, ainda, outro grave reparo. Na atmosfera, as moléculas de metano têm uma vida útil não muito longa, ao redor de 14 anos; distinto, o gás carbônico é estável por mais de século. Essa dinâmica físico-química reduz em, no mínimo, um terço a influência real do metano no efeito estufa. O IPCC, todavia, também desconsidera esse fenômeno.

Conclusão: a importância da pecuária no aquecimento do planeta é, na verdade, quase desprezível.

Já os veículos movidos por combustão são duplamente nocivos, ao meio ambiente e à saúde humana. Seus escapamentos não apenas favorecem o efeito estufa, pelo gás carbônico, como poluem a atmosfera com óxidos de nitrogênio (NO_x) e de enxofre (SO_x). Fora a fumaça preta, que envenena os pulmões, e o monóxido de carbono, que mata.

Carne bovina e leite, ao contrário, matam a fome.

Voltei à Mariana e dividi com ela uma dúvida: “*Filha, se o arrotto da boiada causa tanto malefício ao planeta Terra, que*

será do pum dos humanos?”. Encucada, ela me ajudou a pesquisar o assunto. Descobrimos que uma pessoa adulta elimina entre 500 a 1.500 ml de gases por dia, dependendo da dieta alimentar. Feijão, por exemplo, eleva muito a produção de metano no intestino. Considerando os dados médios, estimamos que cada ser humano produz 0,25 kg/ano de metano. Arredondando, 200 pessoas equivalem, no efeito estufa, a um bovino. Como, globalmente, somos sete bilhões de almas, enquanto o rebanho mundial monta a um bilhão de cabeças, não é desprezível o efeito estufa da flatulência do seu José.

E agora? Erra o alvo quem culpa a agropecuária pelos graves problemas ambientais, ainda mais no aquecimento global. **Para os agrônomos**, o CO2 é o gás da vida, sem o qual nada esverdeia, jamais um poluente. E o metano entérico, do rúmen bovino, é fruto da transformação da energia do Sol, capturada pelas gramíneas na fotossíntese, em proteínas essenciais na história da civilização.

Culpem o petróleo, louvem a pecuária. Preocupado com o aquecimento global, certo ambientalismo inventa (falsas) soluções, como eliminar os rebanhos ou proibir o arroz irrigado. Já houve quem, no Reino Unido, sugerisse reduzir o consumo de feijão, para evitar a desgraça ecológica do planeta. Imaginem propor uma medida dessas no Brasil. Patético.

A origem fundamental do desequilíbrio ecológico está no aumento da população humana, que cresce sem parar. E aprecia churrasco cada vez mais. Assim como pântanos e vulcões há milhares de anos lançam gases na atmosfera, mantendo a Terra habitável, deixem o boi e sua senhora vaca arrotar em paz, produzindo carne e leite para assegurar a jornada humana. Chega de culpar os homens do campo pelos desastres ambientais.

Quem decide a dinâmica civilizatória, e cria seus imensos desafios, são as metrópoles. E seus automóveis.

*[Leia a manifestação anterior: **Arroto do Boi** /Xico Graziano 03-05-2011]*